

PERFIL DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DE MEDICINA E FARMÁCIA DE UMA FACULDADE DE CASCAVEL/PR

ROVANI, Samyra Soligo¹
JAMAL, Yara²

RESUMO

A automedicação é caracterizada pela seleção de medicamentos e tratamento de doenças auto-diagnosticadas ou sintomas leves, conforme definição da Organização Mundial de Saúde. O presente trabalho tem por objetivo descrever os hábitos de automedicação entre 200 acadêmicos de Medicina e Farmácia da Faculdade, determinar os principais medicamentos usados, causas do uso e tempo de tratamento por meio de questionários, sendo que 50% da amostra está cursando Medicina e 50% está cursando Farmácia nessa Faculdade em Cascavel-PR. Todos os participantes do estudo referiram a prática da automedicação. Os principais medicamentos usados pelos acadêmicos de Medicina e Farmácia foram analgésicos/ antitérmicos, anti-inflamatórios e remédios para gripe/ resfriado. As principais causas de automedicação foram dor de cabeça entre os que cursam Farmácia e gripe ou resfriado entre os que cursam Medicina. O tempo de tratamento entre a maioria foi de 3 a 5 dias, em ambos os cursos de graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação, Acadêmicos, Medicina, Farmácia.

PROFILE SELF MEDICATION AMONG MEDICAL STUDENTS AND PHARMACY OF A CASCAVEL/PR'S COLLEGE

ABSTRACT

The self-medication is characterized by drug selection and treatment of self-diagnosed diseases or mild symptoms, according to the World Health Organization. This paper aims to describe the habits of self-medication among 200 students of Medicine and Pharmacy College, determine the main drugs used, causes the use and treatment time through questionnaires, and 50% of the sample is studying medicine and 50% are enrolled in the Pharmacy College in Cascavel-PR. All study participants reported self-medication. The main drugs used by medical students and pharmacy were analgesics / antipyretics, anti-inflammatories and drugs for flu / cold. The main causes of self-medication were headache between the pharmacy and coursing between the cold or flu medicine coursing. Treatment time between the majority was 3-5 days in both undergraduate courses.

KEYWORDS: Self-medication, Students, Medicine, Pharmacy.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde – OMS (Who, 1998) define a automedicação como a seleção de medicamentos por pessoas para tratar doenças auto-diagnosticadas ou sintomas leves e deve ser entendida como um dos elementos do auto-cuidado.

As diferentes formas pelas quais os indivíduos ou responsáveis decidem, sem avaliação médica, o medicamento e como poderão utilizá-los para alívio dos sintomas e “cura”, compartilhando remédios com outros membros da família ou do círculo social, caracterizam a automedicação (KOVACS *et al.* 2006)

A automedicação, desde que feita corretamente, pode ser benéfica para a saúde, pois conforme Teixeira (1996), a doença, é um fenômeno inerente à vida humana, bem como o direito que cada indivíduo tem de procurar meios para a prevenção ou tratamento. No entanto, segundo Maria (2000), a prática da automedicação não está isenta de riscos, particularmente no que se refere a determinados grupos terapêuticos. Primeiramente há possibilidade de doenças graves serem mascaradas, acarretando um diagnóstico tardio ou prejuízo no seguimento médico de situações potencialmente graves.

Para Rozenfeld *et al* (1992), “o consumo é algo inerente ao homem”, e desta forma as transformações sofridas pela sociedade e o fenômeno do consumo estão relacionados. Isto é, o medicamento está vinculado a esse perfil social. Por meio da publicidade e da ideia da substituição do “prazer vicário do ter sobre o ser”, o capitalismo pós-moderno incentiva o consumo, diferentemente de outras épocas históricas.

Além da facilidade de acesso a medicamentos, em farmácias ou supermercados, a propaganda massiva faz com que os indivíduos tenham a impressão de que os tais produtos são livres de riscos (NASCIMENTO, 2003).

Segundo Lopes (2001), as últimas gerações incorporaram na sua socialização uma familiarização crescente com os fármacos, os quais, em gerações anteriores, representavam um recurso raro e de utilização excepcional.

A avaliação global da relação risco/benefício da automedicação faz com que aspectos essenciais para a eficácia, a eficiência e a segurança do sistema de saúde e para os critérios de classificação do estatuto legal dos medicamentos quanto à sua oferta ao público sejam relevados. É um trabalho complexo e minucioso, no qual as variáveis envolvidas devem ser abordadas (MARQUES *et al.*, 2000).

O presente trabalho teve como objetivo principal descrever, por meio de questionários, os hábitos de automedicação entre os acadêmicos dos cursos de Medicina e Farmácia de uma Faculdade em Cascavel/PR bem como

¹ Acadêmica do curso de Medicina da Faculdade Assis Gurgacz; samyra.rovani@hotmail.com

² Farmacêutica, mestre em Farmacologia, pós-graduada em Farmacologia e docente dos cursos de Medicina, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem e Psicologia da Faculdade Assis Gurgacz; yara@fag.edu.br

determinar quais são os principais medicamentos utilizados, quais são as principais causas de automedicação e o tempo de uso dos medicamentos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Seres Humanos, sob o número 052/2013, analisou-se a prevalência da automedicação entre acadêmicos dos cursos de Medicina e Farmácia por meio da aplicação de questionários.

Os questionários foram aplicados em Agosto de 2013 na Faculdade sendo compostos por perguntas de caráter fechado onde abordaram o uso de medicamentos sem prescrição médica, o uso de receitas antigas, as causas da automedicação, os medicamentos utilizados e o tempo de uso da medicação, além de uma breve identificação, contendo o gênero, a idade e o curso de graduação que os participantes da pesquisa estão cursando atualmente.

Os questionários foram entregues aos acadêmicos após o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, assim como a total possibilidade da recusa do participante.

Após, os mesmos foram recolhidos e armazenados em envelope para uma posterior análise. Por fim, os dados foram analisados e interpretados como resultado para a pesquisa.

Os dados foram utilizados como base para cálculos de frequência relativa e elaboração de tabela utilizando-se o Microsoft Office Excel 2007.

3 RESULTADOS

Do total de 200 questionários aplicados, 100 foram respondidos por acadêmicos que cursam medicina e 100 por acadêmicos que cursam farmácia. Todos os participantes referiram a prática da automedicação.

Entre as principais causas de automedicação, 86% dos acadêmicos de Medicina relataram gripe ou resfriado, em segundo lugar ficou dor de cabeça, seguida pela dor de garganta 64%. Já entre os acadêmicos de Farmácia, a principal causa de automedicação apontada foi dor de cabeça, correspondendo a 95%, gripe ou resfriado apareceu logo atrás com 92% das respostas e depois as dores musculares e dor de garganta (78%). Em ambos os cursos, a causa menos apontada foi dor de ouvido, correspondendo a 16% dos alunos de Medicina e 27% dos alunos de Farmácia. Outras causas como enjoo ou vômito, processo alérgico, cólica menstrual, febre, diarreia ou dor de barriga e queimação no estômago tiveram porcentagens menores que as causas acima citadas, como demonstradas na tabela 1.

Tabela 1: Principais causas de automedicação entre acadêmicos de Medicina e Farmácia

Causas de automedicação	Medicina (%)	Farmácia (%)
Dores musculares	54	78
Dor de cabeça	74	95
Gripe ou resfriado	86	92
Enjoo ou vômito	52	50
Processo alérgico	52	48
Cólica menstrual	58	65
Febre	50	65
Dor de garganta	64	78
Diarreia ou dor de barriga	24	42
Queimação no estômago	52	68
Dor de ouvido	16	27

No curso de Medicina o uso de analgésicos ou antitérmicos foi referido por todos os acadêmicos, 80% usou anti-inflamatórios e 76% remédios para resfriados/ gripes. Apenas 24% usou antibióticos. Entre os que cursam Farmácia, 93% usou remédio para gripe/ resfriado e 90% usou analgésico/ antitérmico, a mesma porcentagem dos que referiram o uso de anti-inflamatórios. A automedicação com antibióticos foi referida por 47% dos acadêmicos de Farmácia, quase o dobro do valor entre os acadêmicos de Medicina. O menor percentual ficou para os antiasmáticos, nos dois cursos, correspondendo a 6% dos acadêmicos de Medicina e 5% dos acadêmicos de Farmácia. Outros medicamentos, como xaropes para tosse, corticoides sistêmicos e nasais, descongestionantes/ vasoconstritores nasais, antialérgicos/ antihistamínicos e gotas otológicas também constaram no questionário, obtendo os valores demonstrados na tabela 2.

Tabela2: Principais medicamentos utilizados na prática da automedicação entre os acadêmicos de Medicina e Farmácia

Medicamentos utilizados	Medicina (%)	Farmácia (%)
Analgésicos/ antitérmicos	100	90
Antiinflamatórios	80	90
Xaropes para tosse	46	80
Antiasmáticos	6	5
Antibióticos	24	47
Corticoides sistêmicos (via oral)	10	8
Corticoides nasais (sprays nasais com corticoide)	28	12
Descongestionantes/ vasoconstritores nasais	60	45
Antialérgicos/ anti-histamínicos	46	43
Gotas otológicas	12	25
Remédios para resfriados/ gripes	76	93
Outros	10	3

A maior parte da amostra total do estudo usou medicamentos sem prescrição médica durante 3 a 5 dias (64% dos acadêmicos de Medicina e 72% dos acadêmicos de Farmácia) e apenas 10% dos que cursam Medicina e 3% dos que cursam Farmácia usaram medicamentos por apenas um dia.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho foi realizado no município de Cascavel – PR e apresenta dados confirmatórios à alta frequência da automedicação entre os estudantes de Medicina e Farmácia avaliados. A automedicação entre os acadêmicos (100%) se mostrou superior àquelas encontradas entre outros estudantes da área da saúde (Odontologia, Ciências Farmacêuticas e Enfermagem), por exemplo, em Curitiba – PR (72%) e Barbacena – MG (80,4%) (RESTINI *et al*, 2012).

Independente da população em estudo, um aspecto relevante nas pesquisas sobre automedicação é que as classes de medicamentos que são mais comumente utilizados são as mesmas. Analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios aparecem no topo das listas dos estudos realizados.

A automedicação entre acadêmicos da área da saúde, sobretudo os de Medicina e Farmácia, configura-se como uma situação alarmante. Embora existam algumas iniciativas em âmbito nacional, ainda são necessário novos estudos, sob óticas diferentes, para que sejam encontradas novas possibilidades para abordar essa situação.

Apesar de o estudo ter sido feito com acadêmicos de apenas uma instituição, os dados encontrados são capazes de fornecer subsídios importantes para levantar a discussão sobre a automedicação e suas possibilidades de abordagem em amostras populacionais de todo o país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a automedicação é praticada por 100% dos participantes do estudo, a aplicação dos questionários entre acadêmicos dos cursos de Medicina e Farmácia da mesma instituição de ensino permitiu a determinação dos principais medicamentos utilizados bem como das principais causas de automedicação e do tempo que os medicamentos foram usados pela maioria dos acadêmicos. As porcentagens encontradas foram semelhantes nos dois grupos. Já a frequência do uso de medicamentos sem prescrição médica é maior naquele grupo que cursa Medicina. Todavia um estudo com população maior deve ser realizado para confirmar esses dados.

REFERÊNCIAS

ARRAIS et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. São Paulo: Revista de Saúde Pública, 1997, n.1, v.31, p.71-77.

BARROS, J.A.C. **Propaganda de medicamentos: atentado à saúde?** São Paulo: Hucitec/ Sobravime, 1995.

KOVACS, F; BRITO M. **Percepção da doença e automedicação em pacientes com escabiose**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Dermatologia, Jul/Ago 2006, n.81, v.4, p.335-340.

LEFÈVRE F. **O medicamento como mercadoria simbólica**. São Paulo: Cortez, 1991.

LEVIN LS, BESKE F, FRY Jr. **Self-medication in Europe. Report on a study of the role of non-prescription medicines**. Copenhagen: World Health Organization Regional Office for Europe, 1988.

LOPES, N. **Automedicação**: algumas reflexões sociológicas. Sociologia, Problemas e Práticas. Portugal: 2001, n.37, p.141-165.

MARIA,V. **Automedicação, Custos e Saúde**. Portugal: Revista Portuguesa de Clínica Geral, 2000, n.16, p.11-14.

MARQUES, F; COBRADO, N; CARAMONA, M. **Caracterização da natureza e dos custos financeiros directos da automedicação**. Revista Portuguesa de Clínica Geral, 2000, n.16, p.23-34.

MELO, E; TEIXEIRA, J; MÂNICA, G. **Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real**. Cascavel: Ciência & Saúde Coletiva, 2007, n.12, v.5, p.133-134.

NASCIMENTO, MC. **Medicamentos**: ameaça ou apoio à saúde? Rio de Janeiro. Editora Vieira&Lent, 2003.

PAULO, LG. & ZANINE A C. **Automedicação no Brasil**. São Paulo: Revista Associação Médica Brasileira, 1988, n.34, p.64-75.

RESTINI et al. **Automedicação em acadêmicos do curso de medicina**. São Paulo: Revista Medicina (Ribeirão Preto), 2012, n.45 (1), p.5-11.

ROZENFELD S. PORTO M.A. **Vigilância Sanitária**: uma abordagem ecológica da tecnologia em saúde. In: BUSS PM, SABROZA P, LEAL MC, organizadores. Saúde, ambiente e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec. Rio de Janeiro: Abrasco, 1992, p.171-196.

TEIXEIRA, F. **A prática da Automedicação**. Bahia: Formação Terapêutica, 2006, n 71, p 2-7.

WHO. **The role of the pharmacist in self-medication and self-care**. Genebra; 1998.